

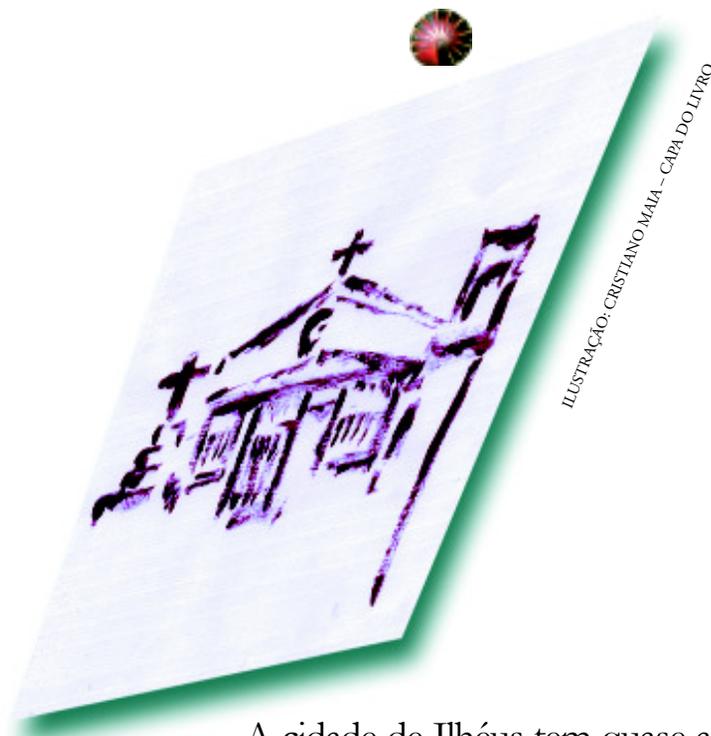
VIAGEM

(de Terezinha Marcis)

ao ENGENHO

SANTANA

MARCIS, Terezinha. *Viagem ao Rio de Engenho*. Ilhéus, BA: Editus, 2000



Marcelo
Henrique
Dias¹

A cidade de Ilhéus tem quase a idade do Brasil e, apesar dessa longevidade, poucas são as obras de caráter historiográfico que abordam seu passado colonial, ou mesmo o século XIX. Da época da Capitania Hereditária, temos, além dos testemunhos contidos em livros de viagens de cientistas e autoridades civis e eclesiásticas que por aqui passaram, uma considerável massa documental de cunho oficial, espalhada por arquivos e bibliotecas do Brasil e de Portugal.

¹ Mestre em História da América, Professor no DFCH/UESC.

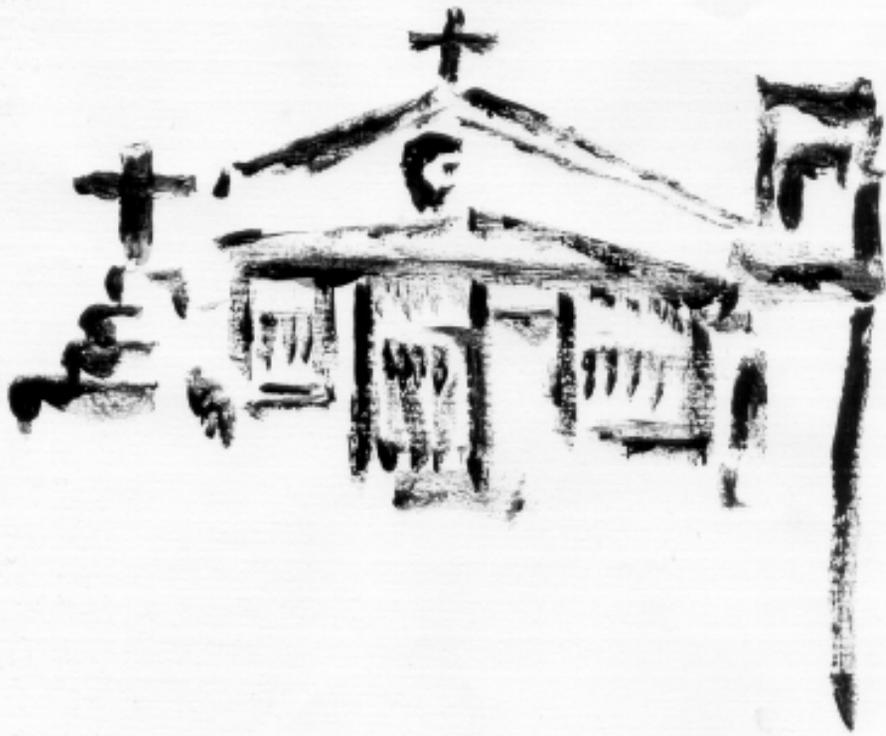


ILUSTRAÇÃO: CRISTIANO MAIA – CAPA DO LIVRO

O primeiro e até aqui mais frutífero estudo sobre o passado da Capitania de Ilhéus, apoiado em vasta documentação que remonta do período colonial ao início do século XX, é a obra de Silva Campos, publicada originalmente em 1937, cujo título, *Crônicas da Capitania de São Jorge dos Ilhéus*, corresponde em gênero e estilo ao seu conteúdo. O que se produziu posteriormente teve as *Crônicas* como alicerce e pouco, ou mesmo quase nada, acrescentou à obra matriz. Ao longo do século XX, a saga do cacau deu a tônica dos enredos que inspiraram os historiadores locais, assumindo tons, ora de ficção, ora de historiografia e, neste último caso, em grande medida, carregados de

valorações que acabaram por distanciar estes estudos daquele produto que se espera do ofício do historiador. Obras que se singularizam por apresentar um maior rigor acadêmico começaram a aparecer apenas na década dos 70, quando a UFBA implementou seu programa de mestrado e alguns aspectos da história da Ilhéus do cacau, a exemplo da elite cacaucultora e dos mecanismos de apropriação das terras, passaram a se constituir temas de dissertações. Por fim, nesta última década, a UESC, através de seu curso de História, vem investindo na história regional, tanto no nível da graduação como da pós-graduação. O resultado já se faz sentir na produção do seu corpo docente e tam-

bém nas monografias elaboradas pelos acadêmicos, assim como no desenvolvimento de vários projetos de pesquisa e de ensino sediados no CEDOC (Centro de Documentação e História Regional) e no LAHIGE (Laboratório de História e Geografia).

Envolvida neste processo, a professora e pesquisadora Terezinha Marcis teve a iniciativa de buscar uma aproximação mais imediata entre a produção científica em História Regional e o público escolar e, como forma de suprir uma carência de material didático, lançou a idéia da produção de livros paradidáticos com temáticas da história de Ilhéus e região. *Viagem ao Engenho Santana*, publicado agora pela Editora Editus da UESC, é, pois, o primeiro resultado concreto de um projeto que veio em bom tempo.

O Engenho de Santana, como objeto de estudo, se tornou conhecido de um restrito público especializado em História através dos trabalhos do brasilianista Stuart Schwartz, publicados, na sua maioria, em revistas especializadas de língua inglesa. A ênfase do autor sempre recaiu sobre as relações de produção, sobretudo no tocante às tensões que ebulliam na senzala e imprimiam o ritmo das negociações veladas que sempre envolveram as relações entre senhores e escravos. Esta perspectiva inovadora a respeito do sistema escravista tem, no entanto, muito pouca penetração no ensino médio e fundamental, prevalecendo, ainda, a imagem do escravo, ora como “coitadinho”, ora como herói, a exemplo de Zumbi.

Sendo assim, o livro de Terezinha, que tem na obra do brasilianista seu principal alicerce, promove esta sadia aproximação entre a produção historiográfica de ponta e o público escolar.

Temas complexos, como o da escravidão indígena por exemplo, são desenvolvidos numa linguagem simples e fluente, sem que as diretrizes analíticas originais dos autores consultados sejam convertidas em afirmações generalizantes e ingênuas. Emerge uma trama histórica marcada pelas contradições inerentes ao processo em foco, tão visível nas ações dos jesuítas, escravistas e protetores ao mesmo tempo, quanto na carta de reivindicação dos escravos rebelados do Engenho, na qual clamam por melhores condições de trabalho e de vida, e não por uma liberdade de fato, o que naquele momento não poderia passar de uma utopia.

Simplicidade com rigor acadêmico, esta é a tônica do livro. As imagens que compõem a obra não figuram apenas como meras ilustração, mas harmonizam-se com o texto e auxiliam o leitor a formular visões aproximadas de um passado vivido na região, mas que é paradigmático de todo o processo colonial que se erigiu nas terras brasileiras. Sim, porque em *Viagem ao Engenho de Santana*, a autora contextualiza seu objeto no plano mais amplo do sistema colonial, apontando os significados “macro” dos gestos mais cotidianos que se manifestavam naquela unidade produtiva, como o processo de fabricação do açúcar, em seus detalhes, e a vida familiar dos escravos.

Juntamente com o livro, compõe o *kit* paradidático uma fita de vídeo de vinte minutos, produzida pela própria equipe do LAHIGE (onde o projeto está sediado), contando com a participação de alunos do curso de História da UESC. Por tudo isso, *Viagem ao Engenho de Santana* é, além de um bom livro paradidático de História, um exemplo de vigor criativo, como forma de superar os limites estruturais que ainda dificultam a produção e o ensino do conhecimento histórico na região.

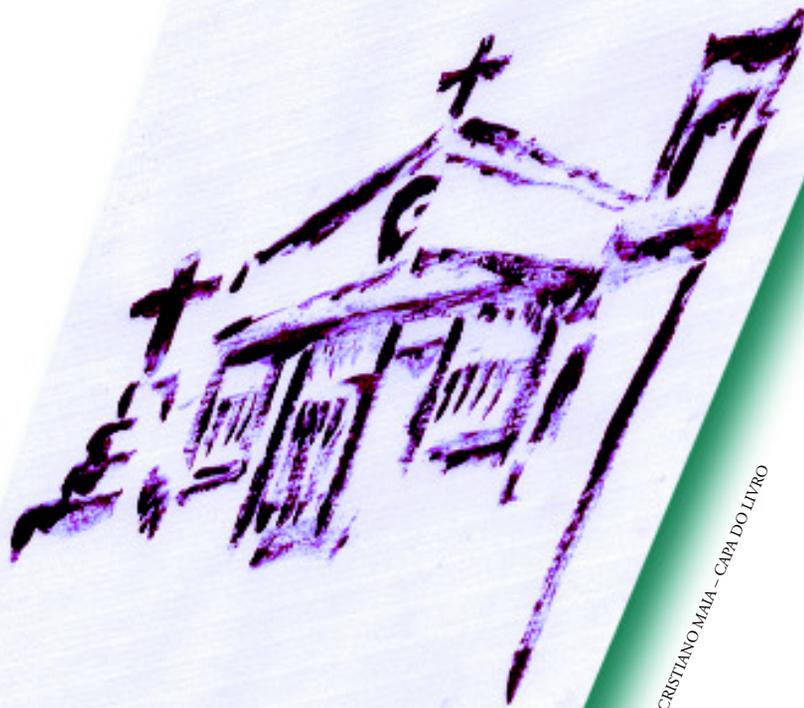


ILUSTRAÇÃO: CRISTIANO MAIA – CAPA DO LIVRO